

# O QUE É SER MODERNO? BREVE ENSAIO ANALISANTE DA PROBLEMÁTICA DE SE INFERIR UM CRITÉRIO DE DEMARCAÇÃO PARA O HORIZONTE MODERNO

Nivaldo Machado<sup>1</sup>

## Resumo

*Discutir-se-á no artigo aqui apresentado a problemática em se inferir a existência de um critério seguro para a demarcação do Horizonte Moderno do pensamento ocidental.*

**Palavras-Chave:** Demarcação. Horizonte moderno. Pensamento ocidental.

## Abstract

*It will be discussed here in the presented article the problem of inferring the existence of a safe approach for the demarcation of the Modern Horizon of the western thought.*

**Keywords:** Demarcation. Modern Horizon. Western Thought.

## 1 CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Uma das maiores dificuldades das investigações filosóficas é a de apresentar uma sustentação teórica deveras elaborada, que venha a assegurar a demarcação criteriosa de um dado campo analítico. Neste sentido, opta-se pela feitura de um trabalho filosófico que tenha por característica o refino de questões aparentemente claras e já resolvidas, como é o caso do entendimento de Modernidade.

Ser moderno é uma temática complexa e ainda longe de ser um consenso entre estudiosos dos mais diversos campos de investigação. Todavia, por muitos destes pesquisadores, seu uso é apresentado de modo a não deixar claro o real entendimento de sua significação. O que, por conseqüente, gera uma grande gama de variações interpretativas, levando, assim, em decorrência desta despreocupação, a sérios problemas para o entendimento de teorias que tratam acerca dos mais diversos assuntos.

---

<sup>1</sup> Filósofo (habilitado em Psicologia, História, Sociologia). Técnico em Processamento de Dados. Pós-graduado em nível de especialização em Psicopedagogia, Epistemologia e Filosofia da Ciência. Mestre com estudos voltados para a problemática da Consciência através da análise do pluralismo epistemológico de John Searle. Doutor em Filosofia com pesquisa sobre os Algoritmos de Compressão como critérios de demarcação de âmbito do mental. Coordenador do grupo de Pesquisa em Filosofia da Mente e Ciências Cognitivas. Membro Fundador do Centro de Inteligência do Futuro. Atualmente desenvolve estudos em Filosofia da Mente, Ciências Cognitivas, Filosofia da Linguagem, Lógica, Epistemologia, Psicologia Evolucionária, Inteligência Artificial, Estratégias Cognitivas, Cognição e Aprendizagem. Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1058943890301762>

Com esse referencial é que se apresenta o intuito axial norteante da feitura do artigo aqui proposto - que é a discussão da dificuldade de se apresentar elementos suficientemente seguros, que garantam a validade de se inferir, com precisão, a existência de uma demarcação para o paradigma reinante na modernidade.

## 2 EM BUSCA DA DEMARCAÇÃO

Assim como parece um tanto quanto impreciso afirmar que a Idade Média<sup>2</sup> fora um “Período de Trevas” *in caso consimili*, é deveras perigoso afirmar que o horizonte conhecido como Idade Moderna findou-se com a Revolução Francesa, ou até mesmo que estamos vivendo num período que, contemporaneamente, é chamado de Pós-Modernidade.

De modo poético, Clarice Lispector corrobora nossa preocupação no que se refere à dificuldade, e, por conseguinte, à necessária cautela em se demarcar precisamente o horizonte Moderno e/ou o que venha a ser “SER MODERNO”:

Quando eu era criança, durante muito tempo pensei que livros nascessem como árvores, como pássaros. Quando descobri que existiam autores, pensei: também quero fazer um livro. Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, podia-se com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não-palavra, ao morder a isca, incorporou-a. O que salva então é ler “distraidamente”.

E, ao retomar a sugestão de Gadamer (apud BLEICHER, 1980, p. 155), no que se refere à necessidade de um maior afastamento no tempo para que um dado contexto/obra<sup>3</sup> seja passível de melhor assertividade na interpretação, é que se ressalta a cautelosidade ao buscar inferir o que venha a se colocar como elemento fornecedor da estrutura do *background* da Modernidade - justamente pelo fato de estarmos imersos nesta problemática. Talvez, com o passar do tempo, gerações futuras poderão investigar com maior propriedade a conjuntura do Horizonte Moderno. Porém, parafraseando Lispector: “...é necessário ler nas entrelinhas”, mesmo que ciente de nossa fragilidade para uma análise mais rigorosa (retomando a preocupação gadameriana).

Em consonância com o enfoque aqui proposto em Dussel (1995, p. 92-93), um notável contributo é fornecido:

“[...] como a Modernidade é um fenômeno mundial (por ser a primeira Era que engloba todas as culturas do planeta, ou enquanto centro metropolitano na Europa ou como colônia ou submundo embutido pela Europa na periferia), esse contradiscurso - exatamente ele e não outro - teve condições de se manifestar através dessa nova razão crítica européia que se inaugurava e se estruturava paralelamente, partindo

---

<sup>2</sup> Aqui entendida entre o século V da era cristã até aproximadamente a Tomada de Constantinopla no século XV. Chamamos a atenção com estes exemplo que a Idade Média não fora, necessariamente, um período infértil de nossa história. Tal designação de “período de trevas” é muito mais uma inferência trazida para os dias atuais a partir da crítica Renascentista do que a verdade de que a Idade Média fora uma época marcada por uma total infertilidade de criatividade artística, filosófica, cultural, etc.

<sup>3</sup> Segundo Gadamer: “[...] uma pessoa que procura compreender um texto está preparada para que este lhe diga algo. Por isso uma mente preparada pela hermenêutica deve ser, desde o princípio, sensível à novidade do texto. Mas este tipo de sensibilidade não implica, nem “neutralidade” na questão do objeto, nem a anulação da personalidade dessa pessoa, mas a assimilação consciente dos significados prévios e dos preconceitos. O que importa é estar consciente da sua própria predisposição, para que o texto se possa apresentar em toda a sua novidade e conseguir, assim, afirmar a sua própria verdade, por oposição aos nossos sentidos.” (idem).

desse Outro dominante e explorado, desse Outro encoberto pela Europa dominante (que sempre pretenderá negar esse tal contradiscurso).”

Desse modo será que o que deveria ser reformulado não seria nossa questão primeira? Será que a crise que se apresenta é realmente uma crise<sup>4</sup> da modernidade? Ou seria o próprio *abstractum* da ocidentalidade que estaria abalado?

Muitas vezes temos a impressão que diversos teóricos buscam de modo precipitado uma nova demarcação, uma nova dicotomização separante de períodos históricos. Não nos cabe aqui um melhor detalhamento acerca do “Problema do Tempo”, porém, se formos investigar a história a partir da noção do *eterno retorno do mesmo*<sup>5</sup>, vamos perceber que a “roupagem” muda, entretanto os episódios são muito semelhantes. Não estamos negando que o mundo de hoje esteja passando por modificações altamente influentes no *way of life* das pessoas. Perceba esta constatação na argumentação de Toffler:

A sociedade ocidental, nos últimos 300 anos, vem sendo arrastada por um turbilhão de transformações. Este turbilhão, longe de se amenizar, se espalha através dos países altamente industrializados em ondas de velocidade crescente, e de impacto sem precedentes. Faz brotar, em seu caminho, todas as espécies de uma curiosa flora social – de igrejas psicodélicas e “universidades livres” a cidades da ciência no Ártico e clubes de troca de esposas na Califórnia. (TOFFLER, 1970, p. 21)

São claras as modificações, todavia, como sustenta a própria significação do conceito de história<sup>6</sup> - não podemos deixar de atacar a formularização de Toffler no critério do seu não adentrar investigativo nas questões referente aos elementos que sustentam a continuidade histórica. Se assim fosse, o poder da igreja teria cessado na Idade Média, o que, ao contrário, vem crescendo de forma marcante em todo mundo. Talvez, não mais a mesma igreja, mas sim, o Religioso<sup>7</sup> do humano que, agora, se apresenta como necessitante, devido ao processo crescente de individuação que chega ao seu apice em forma de individualismo, causando, por conseguinte, uma busca por elementos que permitam esse humano a preencher sua carência por transcendência.

Para auxiliar nossa insistência em sermos cautelosos para definir o que é SER MODERNO – relembremos Kuhn (1998, p. 67): “A investigação histórica cuidadosa de uma determinada especialidade num determinado momento revela um conjunto de ilustrações recorrentes e quase padronizadas de diferentes teorias nas suas aplicações conceituais (...) Essas são os paradigmas da comunidade”.

Esses paradigmas norteiam a conduta humana e apresentam os critérios de bondade, beleza, verdade para àquela situação sócio-histórica. Entretanto, o problema da modernidade está justamente em definir este paradigma, visto que estamos vivendo num período um tanto quanto paradoxal. Tais paradoxos são percebidos nas mais diversas circunstâncias:

i) nunca houve um período histórico onde a máquina fez tanto trabalho para o homem, vindo assim a sobrar-lhe mais tempo livre em relação a tais afazeres; todavia, nunca sentimos tanto a necessidade da urgência, e temos sempre a impressão de que nos falta tempo para poder acompanhar as evoluções das tecnologias;

<sup>4</sup> O termo *crise* é usado numa referência gramsciana em que denota o sentido de que uma sociedade está em crise quando o “velho” morre e o “novo” não consegue nascer.

<sup>5</sup> Noção grega clássica que a história sempre se repete em ciclos.

<sup>6</sup> Que são momentos de ruptura e continuidade dos eventos.

<sup>7</sup> Substantivo aqui o termo *religioso* para enfatizar este critério como “coisa” pertencente ao humano que é percebido de modo individualizado.

ii) encontramos, em salas de aulas de diversos países do mundo, estudantes que brincam harmoniosamente nos recreios mesmo possuindo uma grande diferenciação religiosa; entretanto, percebe-se um aumento assustador da intolerância religiosa em diversos países do mundo;

iii) rompem-se as fronteiras econômicas entre diversos países do mundo, porém, aumenta a diferença entre uma minoria que possui muito, de uma maioria que é despida das condições mínimas de sobrevivência.

Citando Bauman (1999, p. 67-67):

Esta nova e desconfortável percepção das 'coisas fugindo ao controle' é que foi articulada (...) num conceito atualmente na moda: o de globalização. O significado mais profundo transmitido pela idéia da globalização é o caráter indeterminado, indisciplinado e de autopropulsão dos assuntos mundiais; a ausência de um centro, de um painel de controle, de uma comissão diretora, de um gabinete administrativo. A globalização é a 'nova desordem mundial'.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, Ser Moderno é estar marcado por um horizonte histórico da pluralidade. Um período onde fé, ciências, culturas, economias apresentam-se com uma enormidade de abordagens que sugerem soluções diferentes para o mesmo problema. Mas, mesmo aparentando evidentes paradoxos, a Modernidade é um horizonte marcado por continuidade; continuidade esta percebida em questões fundamentais do pensamento científico-filosófico. Note, desde a busca pelo *princípio primeiro de todas as coisas*, da formação do cidadão ideal, da melhor forma de governo, do critério sustentante da verdade, do bem, do belo, do sagrado - ainda tais questões se mostram como carentes de justificação clara e suficiente para a academia em geral.

Talvez, o melhor modo de se referir ao paradigma reinante, no período atual do pensamento ocidental, seria o de mudarmos nossa argüição primeira, ou seja, não é conveniente tentarmos demarcar o horizonte/paradigma da modernidade, mas sim, os paradigmas/horizontes modernos que são, como apresentamos, paradoxalmente marcados por continuidades de questões ainda necessitantes de resolução/justificação e de descontinuidades, devido ao surgimento de novas questões em relação as quais o ser humano em sua história ainda não tinha se deparado.

### 4 REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BLEICHER, Josef. **Hermenêutica contemporânea**. Rio de Janeiro: edições 70, 1980.

DUSSEL, Enrique. **Filosofia da Libertação: crítica à ideologia da exclusão**. São Paulo: Paulus, 1995.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

TOFFLER, Alvin. **O choque do futuro**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1970.